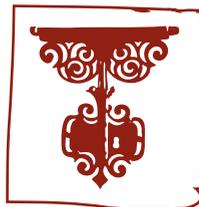


Boletim infantil

museu QUINTA DAS CRUZES

N.º 15
17 MAIO 2025



Ficha técnica

Projeto e Coordenação

Teresa Pais e Andreia Morgado

Conto infantil

Andreia Morgado

Ilustrações

Filipa Ledezma

Textos

Andreia Morgado e Filipa Ledezma

Conceção de jogos

Andreia Morgado e Filipa Ledezma.

Revisão de conteúdos

Rita Rodrigues

Design gráfico

Márcio Ribeiro (coordenação)
e Gonçalo Mendes, DRC

Edição · Impressão

Museu Quinta das Cruzes, DRC
Funchal. 2025

Horário de marcação das visitas guiadas

2.^a a 6.^a feira das 09h30-12h30; 14h00-17h30.

Horário das visitas guiadas e outras atividades:

3.^a a 6.^a feira das 10h00 às 12h30 e das 13h30 às 17h30.

Contatos para informações:

Telefone: 291 740 670

e-mail: mqc.drc.srtc@madeira.gov.pt

<https://mqc.madeira.gov.pt> 

facebook.com/MuseuQuintaDasCruzes 

Instagram.com/museu.quinta.das.cruzes 

O futuro dos Museus em comunidades em rápida mudança

O Boletim Infantil deste ano foi criado com base no tema proposto pelo ICOM para o Dia Internacional dos Museus 2025: ***O futuro dos Museus em comunidades em rápida mudança.***

Nesta edição refletimos sobre a essência dos museus que, como guardiões de memórias, preservam e divulgam a sua história e os seus objetos, resistindo às mudanças da comunidade envolvente e do mundo.

No conto **O Espírito do lugar** destacamos a importância de se conhecer a Quinta das Cruzes e as memórias ligadas à sua origem e que se relacionam com os objetos que formam a coleção do museu.

Os museus são as “casas” onde sempre regressamos para nos encontrarmos com a nossa tradição, a nossa identidade cultural.



O Espírito do lugar!

Era uma vez dois meninos, o Gonçalo e a Catarina, muito amigos e aventureiros que estavam na mesma turma desde o 1º ano. Ambos tinham completado há pouco tempo 11 anos de idade. Comemorarem o aniversário no mesmo mês era, curiosamente, uma das boas coincidências das suas vidas...





Os dois amigos faziam parte do clube do património da escola, por sugestão do Gonçalo que, se inscreveu, e a Catarina, como boa amiga, seguiu-o. Ambos estavam a gostar muito de fazer parte deste clube, porque a professora incentivava-os a conhecer muitos lugares interessantes com histórias antigas. Já tinham aprendido muitas coisas novas e, até, já distinguíam os diferentes tipos de património cultural que existiam, como o património natural, o património imaterial, entre muitos outros!

No último dia, a professora disse-lhes que iam fazer uma visita ao Museu Quinta das Cruzes. Todos os meninos, incluindo os nossos dois protagonistas, ficaram entusiasmados assim que souberam que era uma Quinta com mais de 500 anos de história.

– Catarina já imaginaste um espaço com mais de 500 anos de história? – Perguntou o Gonçalo enquanto esperavam pelos pais no portão da escola.

– Eu sei, é entusiasmante! Estive a ver no site do museu que a origem da casa se deve a João Gonçalves Zarco, o descobridor da Ilha da Madeira e Porto Santo. – Respondeu a Catarina, com um sorriso rasgado e com os olhos brilhantes.

– Nem fazia ideia! Imagina se aquela casa pudesse falar, as histórias fantásticas que contaria! – Comentou o Gonçalo com o olhar distante.



– Amanhã já descobriremos! Não te esqueças da lupa do teu avô! Gostamos sempre de uma boa aventura! – Disse a Catarina em voz alta e em passo de corrida em direção ao carro da mãe.

– Não me esqueço! – Respondeu o Gonçalo.

A lupa do avô do Gonçalo era uma relíquia da família que lhe tinha sido oferecida no dia do seu aniversário:

– “Gonçalo, meu neto, és curioso como eu já fui, estás sempre em busca das verdades escondidas. Estive a pensar e quero oferecer-te esta lupa, já tão velhinha quanto eu. À primeira vista parece uma simples lupa, mas desengana-te! Ela é muito especial, ela abre-te a porta para os outros mundos e permite que vejas o que os teus olhos sozinhos, não veem” – disse-lhe o avô a sussurrar para que mais ninguém ouvisse.

– Uau! Onde a compraste avô?

– Foi-me oferecida quando eu era um rapazote, como tu, por um vendedor ambulante, disse-me que ela revelava o que era invisível aos olhos. Diziam que esse homem era um mágico. Mas, nunca se descobriu se era mesmo verdade. – Respondeu o avô a franzir o sobrolho.

Desde esse dia, as únicas pessoas que sabiam da lupa eram o Gonçalo, o seu avô e a Catarina, a quem não foi capaz de esconder o segredo.

No dia da visita ao Museu Quinta das Cruzes, o Gonçalo levava a lupa consigo. Ao longo da rua das Cruzes via o grande muro vermelho que circundava a quinta. Nesse muro reparou numa cruz branca, tira a lupa do bolso e olha, através dela, para a parede, nesse momento o vermelho desaparece!

Surpreendido, apercebe-se que quando olha para o muro com a lupa, o vê sem cor, quando olha sem a lupa, o vermelho reaparece aos seus olhos. Logo no momento que ia dizer à Catarina o que estava a acontecer, foi interrompido pela guia do museu.



– Bem-vindos! Estão prontos para iniciarmos uma viagem no tempo?

– Acreditas nisto? Ninguém vai ao passado ou ao futuro sem uma máquina do tempo - disse outro menino do grupo ao ouvido do Gonçalo.

Tal como a Catarina havia dito, a guia começou por dizer que a “**Casa das Cruzes**” tinha sido construída por **João Gonçalves Zarco** para ali viver. No início era uma casa mais pequena, de pedra e cal.

A partir de 1678, a casa é ocupada pela **família Lomelino**. É esta família que transforma este espaço de uma “casa” para uma “quinta urbana”, da qual faz parte a capela fundada pela família em 1692, a ampliação da casa principal, a construção das casinhas de prazer e a criação dos jardins românticos que rodeiam a casa principal, tudo isto ao longo de 200 anos, até finais do século 19.

O grupo sobe as escadas e na sala 1, na entrada do museu, a guia aponta para o teto e diz-lhes:

– Os Lomelino deixaram um testemunho da sua passagem! Olhem todos para o teto! Conhecem este símbolo? Chama-se **Brasão de Armas** e foi aqui colocado pelo último proprietário desta família, Nuno Freitas Lomelino. Aqui estão representados dois apelidos, a metade vermelha e dourada refere-se ao apelido Lomelino e a outra metade do leão e as estrelas, é do apelido Freitas!

Nesta ocasião o Gonçalo tira, novamente, a lupa do bolso e quando olha diretamente para o brasão através da lente, volta a ver o brasão sem cores!

– Isto é muito estranho! O que será que está a acontecer? O que será que isto quer dizer? – Pensou o Gonçalo intrigado.

Enquanto a professora tem uma breve conversa com a guia sobre o brasão, o Gonçalo aproveita para contar à Catarina o que se estava a passar.

– Estás a falar a sério? Emprresta-me a lupa! – Pede-lhe a Catarina entusiasmada.

Quando olha pela lente, para sua desilusão, consegue ver as cores dos objetos da sala onde estavam.

– Gonçalo, porque me mentiste? Eu estou a ver tudo normal, com as cores certas. – Diz a Catarina com a lupa em punho.

– Não pode ser! – Exclama o
Gonçalo – Eu juro que é verdade!

A Catarina desiste e devolve-
lhe a lupa. O Gonçalo, frustrado,
continua a ver, através da lupa, os
objetos sem cores, as paredes, as
cortinas, sem entender a razão pela
qual a Catarina não partilhava da
mesma visão.

Ao longo das salas a guia vai
explicando que a maioria daquelas
peças tinham sido doadas pelo
**fundador do museu, César Filipe
Gomes**, um colecionador madeirense

que, em **1946** tinha deixado a sua coleção à
Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal com a
condição de ali se criar um museu.

A pouco e pouco, a Catarina começou a olhar com mais atenção
para cada objeto e para cada sala por onde passavam, como o
salão de baile, a sala de jogos e começou a pensar como seria viver
naquele tempo, sem a tecnologia, automóveis, aviões.

Quando estavam a chegar à sala 6, o Gonçalo e a Catarina
começaram a ouvir vozes e música ao longe. Tinham a certeza de
que estes sons vinham daquele espaço. Deixaram o grupo avançar
para poderem inspecionar a origem do barulho.

De repente, ao voltarem-se para um grande espelho dourado e
alto que lá estava veem as suas imagens refletidas, mas atrás deles
estavam pessoas a dançar, com vestidos volumosos, obviamente,
era um vislumbre de um momento do passado. Era um baile. Só
conseguiam ver aquelas pessoas e aquele momento se olhassem
pelo espelho.

– Catarina, diz que estás a ver o mesmo que eu! – Exclama o
Gonçalo um pouco confuso.

– Sim, estou a ver! – confirma a Catarina – Gonçalo, este espelho
é um portal, tens noção da importância deste momento? Ele está a
refletir momentos do passado para o agora, o presente! Este espelho
já esteve numa sala onde se fazia bailes!





Ambos ficaram ali durante 3 minutos até o reflexo do passado desaparecer e só restar o reflexo da sala no momento presente.

– Catarina, algo se passa neste sítio. Primeiro, o desaparecimento das cores na lupa, agora o reflexo no espelho. Já acreditas em mim? – Perguntou o Gonçalo entusiasmado.

– Sim, acredito. Vamos continuar para ver se descobrimos algo mais. – Afirma a Catarina revelando o seu lado aventureiro.

Em cada sala, os dois amigos afastavam-se do grupo, de forma a garantir que ficavam à vontade para

encontrar mais algum detalhe estranho.

Na sala 9, a sala de jantar, a Catarina lembrou-se de pedir a lupa emprestada para ver se continuava a ver as cores através da sua lente. Desiludida confirma que, ao contrário do Gonçalo, conseguia ver tudo normal.

Mas, ao olhar, através da lupa, para uma grande pintura que retratava uma cena de um piquenique em família, nota nuns pontos brilhantes na tela. Ao aproximar-se percebe que são letras: “R”; “D”; “A”; “E”; “P”. Chama, imediatamente o Gonçalo, e mostra-lhe as letras.

– Que será que isto quer dizer? Serão iniciais dos nomes das pessoas aqui retratadas? Será um código? – Pergunta a Catarina com a mão na testa incrédula por esta descoberta.

– Só conseguimos ver estas letras através da lupa. Catarina acho que é uma palavra, talvez comece por “re...” ou por “par...” - diz o Gonçalo tentando construir uma palavra.

– Já sei!!!! Gonçalo a palavra é **PERDA!** – Exclama felicíssima a Catarina.

Ambos ficaram a pensar no que aquilo queria dizer... perda de quê? O museu perdeu alguma coisa? O pintor daquele quadro perdeu algo?

Incrédulos, continuaram a visita. Depois daquela experiência, a Catarina estava de lupa levantada, próxima ao olho direito, parecia um detetive a vasculhar novos mistérios. Passaram por um quarto de dormir e por uma sala com vitrinas que continham anéis, brincos, alfinetes e outros objetos como leques.

Dali, a guia leva-os ao rés-do-chão do museu, a área onde estão os objetos mais antigos da coleção.

Na sala 13, a guia aponta para um tecido em linho e bordado com linha de seda dentro de um quadro pendurado na parede. Era um **frontal de altar** chinês de Macau, já antigo, que tinha sido bordado entre os anos 1675-1700 e tinha pertencido à ordem religiosa das Carmelitas.

A professora chamou a atenção para a diversidade de animais e plantas presentes naquele frontal de altar, desde espécies europeias a orientais, que preenchiam de cor aquele objeto.

A Catarina, que continuava a olhar para a lupa, começa a ver outra vez várias letras que apareciam a brilhar entre os animais e plantas. Baixa a lupa e olha com os olhos arregalados para o Gonçalo a dar a entender que tinha feito nova descoberta!



Deixaram o grupo avançar e quando ficaram sozinhos, a Catarina começa a dizer ao Gonçalo o que estava a ver. Era outra vez um conjunto de letras! “M”; “A”; “E”; “M”; “I”; “R” “Ó”.

– Mais um quebra-cabeças! – Disse a Catarina já a tentar ordenar as letras para descobrir a palavra.

Desta vez o Gonçalo foi mais rápido e chegou logo à palavra, por causa do acento no “ó”.

– Catarina é a palavra **MEMÓRIA!** – Exclama o Gonçalo com ar de chico-esperto.

– Pois é tens razão! – disse a Catarina com um sorriso aberto. Que significará? Memória, perda... perda de memória?

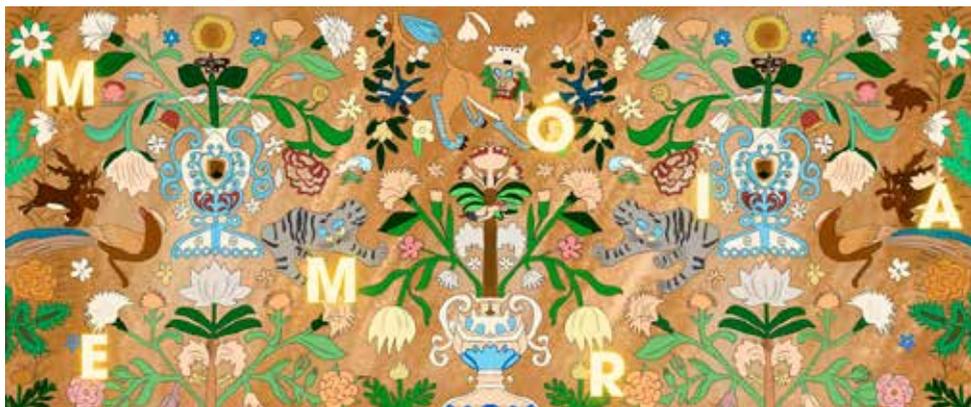
– Sim é isso! Perda de Memória! – Confirma o Gonçalo

– Ainda antes de entrarmos no museu, a guia disse que os museus eram guardiões da memória. Será que se está a perder a memória deste lugar? - Questiona a Catarina.

– Gonçalo, será que é por isso que estás a ver tudo sem cor pela lupa? Quando ficamos doentes ficamos pálidos, sem cor, será que este museu, esta quinta está ...doente?

Nesse momento, a sala onde os dois amigos estavam fica totalmente branca, desde o chão até às paredes e teto. De repente, ouvem uma voz forte que ecoa por todo o espaço.

– Olá, meninos, eu sou o **espírito deste lugar**. Já vi que conseguiram encontrar a minha mensagem. Preciso de ajuda, os meus companheiros, os objetos, quiseram ajudar-me e colocaram





a mensagem neles próprios na esperança de que alguém a encontrasse. Foram vocês os únicos a descobri-la. – Esclareceu o espírito do lugar.

– Não sabia que os lugares tinham alma. - Pensou o Gonçalo

– Olá, espírito do lugar, eu sou a Catarina e o meu amigo é o Gonçalo.

– Eu sei, eu conheço-vos, estou atento a todos os que por aqui passam, mesmo que seja apenas uma vez. – disse o espírito do lugar.

– Eu escolhi-vos para transmitirem uma mensagem. Têm razão, estou doente, por uma doença que não se cura com medicamentos ou médicos.

– Que doença é essa? – perguntaram ambos os amigos em uníssono.

– É a **doença do esquecimento**. – Afirma o espírito do lugar.

– Ah! Já entendi o sentido das palavras que estavam nos objetos, quer dizer que se está a perder a memória, a memória do passado. – Diz a Catarina lembrando-se do reflexo do espelho que tinha visto há instantes no 1.º andar do museu.

– Sim, é isso mesmo Catarina. Os objetos falam por mim. Eu vivo através destas peças, elas contam a minha história, eu sou a casa, a quinta, o museu, tudo isto que veem faz parte de mim.

Se as pessoas não vierem conhecer eu caio no esquecimento, as pessoas que aqui viveram, as tradições, o modo de vida de antigamente, tudo perde importância e eu deixo de existir. Primeiro perco as cores e depois desapareço no tempo. Eu só existo no coração de cada um de vocês. – Lamenta-se o espírito do lugar.

– Nós não vamos deixar que isso aconteça espírito do lugar! Conhecer o nosso passado é importante para caminharmos para o nosso futuro. – Disse o Gonçalo para aquela voz, que não tinha forma, nem cheiro, mas estava lá presente de alguma forma a falar com ambos os amigos.

A partir desse dia o Gonçalo e a Catarina falaram com cada um dos meninos que faziam parte do clube do património para a importância de conhecer os lugares que tinham história, como os monumentos, os museus e até as suas próprias casas, as suas famílias.

Juntos viveram ainda outras aventuras, mas essas, ficam para uma próxima história.

Fim!

1

jogo

Palavras perdidas

Descobre quais são as palavras em falta em cada uma das frases!
Ajuda-nos a encontrar as palavras perdidas!

Dica: lê atentamente o conto
O espírito do lugar.

1. O Gonçalo e a Catarina faziam parte do clube do

_____.

2. Juntos foram com o restante grupo fazer uma visita ao Museu Quinta das Cruzes, lugar com mais de ___ anos de história.

3. No teto da sala 1 está colocado um _____ de _____ dos apelidos Freitas Lomelino.

4. A pintura da sala 9 tinha representado uma cena de _____ em família.

5. A Catarina descobriu a palavra “Memória” no _____ de _____ chinês da cidade de Macau.

6. O _____ do _____ era o responsável pelas mensagens escondidas nos objetos.

Palavra mistério!

2

jogo

Descobre qual é a palavra mistério da coluna de cor rosa, encontrando as palavras numeradas de 1 a 6! Orienta-te pelas pistas referentes a cada uma das palavras para descobrires quais são! Pede ajuda aos teus pais!

Pistas:

1. Nome da doença que afligia o *espírito do lugar*.
2. Nome das festas religiosas realizadas em Barcelos no mês de maio, ou último nome do museu visitado pelo Gonçalo e Catarina.
3. Família de origem genovesa que habitou a Quinta durante 200 anos.
4. Primeiro apelido do descobridor das Ilhas da Madeira e Porto Santo e 1.º capitão do donatário do Funchal.
5. Herança coletiva que é transmitida entre gerações, ou nome do clube a que pertenciam as personagens do conto.
6. Pequena igreja dedicada ao culto religioso. Nos jardins deste museu é possível encontrar um local de culto com estas características, fundada em 1692 e que é de invocação à Nossa Senhora da Piedade.

A Palavra Mistério é:-----



3

Jogo

Em busca das palavras

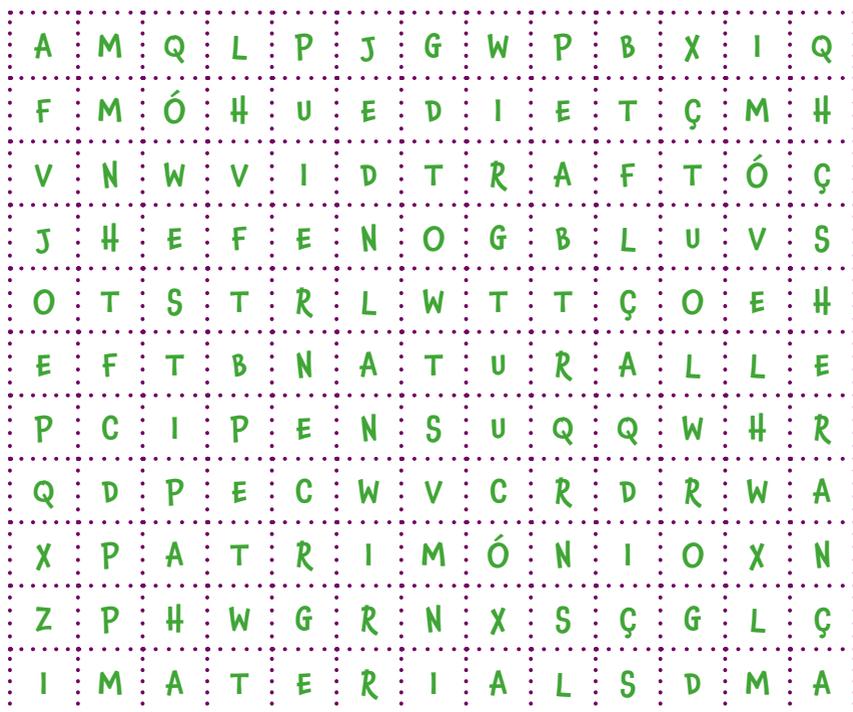
A Catarina e o Gonçalo conhecem diferentes tipos de património cultural, sendo alguns deles, o Natural ou Ambiental, o Imóvel (ex. edifícios), o Móvel (ex. objetos das coleções dos museus) e Imaterial (ex. tradições). Juntos formam o Património Cultural que consiste num conjunto de bens, edifícios, lugares históricos que identificam uma sociedade ou civilização.

Olha atentamente para esta sopa de letras e descobre as palavras relacionadas com este tema. Procura-as na diagonal, vertical e horizontal.

- HERANÇA
- IMÓVEL

- MÓVEL
- NATURAL

- IMATERIAL
- PATRIMÓNIO



Património Cultural Imaterial: um património vivo!



Contudo, o Património Cultural não se limita ao Património Imóvel, isto é, bens que não se podem mover, como igrejas, sítios arqueológicos ou cidades históricas; nem ao Património Móvel, ou seja, bens que podem ser transportados, como os objetos que encontramos nos museus. Existe ainda uma outra categoria de expressões culturais, o **Património Cultural Imaterial**.

Este património vivo, é composto por saberes, pelo saber-fazer, tradições, rituais, festividades, expressões artísticas, expressões orais, aptidões ligadas ao artesanato tradicional, entre outros. Assim, o Património Cultural são todos os elementos, materiais ou imateriais, que refletem o modo de vida e a história de um povo e que são fundamentais para a preservação da sua memória coletiva.

O Património Cultural Imaterial está **sempre ligado às pessoas, pois são elas que o mantêm vivo e o transmitem os saberes às gerações seguintes**. Esta componente intangível e sujeita a constantes transformações torna o Património Cultural Imaterial muito frágil e em risco de desaparecer. Por isso, é urgente a sua salvaguarda, através da inventariação e da transmissão ativa das práticas e dos conhecimentos que o constituem.

Assim, os museus desempenham um papel vital para assegurar não só a sua sobrevivência, através da identificação, documentação, investigação,

preservação e promoção, mas também apoiando a sua revitalização, através da educação e do envolvimento das comunidades.

A Ilha da Madeira possui uma riqueza patrimonial que merece ser reconhecida e valorizada. Entre os muitos exemplos estão os contos populares, as adivinhas, os ofícios tradicionais (como a bordadeira, o embutidor, o cesteiro, etc.), as festas (como as Missas do Parto, Os Maios, etc.), as romarias (como o Santíssimo Sacramento, o Senhor dos Milagres, etc.), a música (como o despique), a dança (bailinho tradicional), a gastronomia (como o milho cozido, o bolo de mel, escarpeada, etc.), os rituais (como a matança do porco), a medicina popular (como cura do mau-olhado), entre muitos outros.

Quando falamos em Património Cultural, muitas vezes, associamo-lo a um objeto, a uma construção humana, a algo palpável.

Conclui-se que...

O Património Cultural Imaterial é reflexo da pluralidade cultural e da criatividade humana, faz parte da nossa história, da nossa identidade e existirá apenas enquanto lhe atribuirmos valor.

Sabias que?

Na coleção do Museu Quinta das Cruzes encontramos um conjunto de gravuras que fazem parte do livro *A History of Madeira with a series of twenty seven coloured engravings...*, editado por Rudolph Ackerman.

Nelas estão representadas cenas do quotidiano madeirense do século 19, como classes sociais, antigos ofícios, classes sociais e outros saberes transmitidos de geração em geração, como o artesanato e música, que se enquadram no Património Cultural Imaterial.



Olhar de detetive

4

jogo

Esta gravura publicada, em 1821, com o título *Peasants in usual Costumes*, mostra-nos dois vilões com trajas regionais – a mulher de saia branca de lã, romeira vermelha e carapuça azul e o homem, vestido de linho, carapuça azul, botas de couro e a tocar um instrumento musical – elementos que reportam para o Património Cultural Material.



Observa com atenção as duas imagens: existem 7 diferenças entre elas!

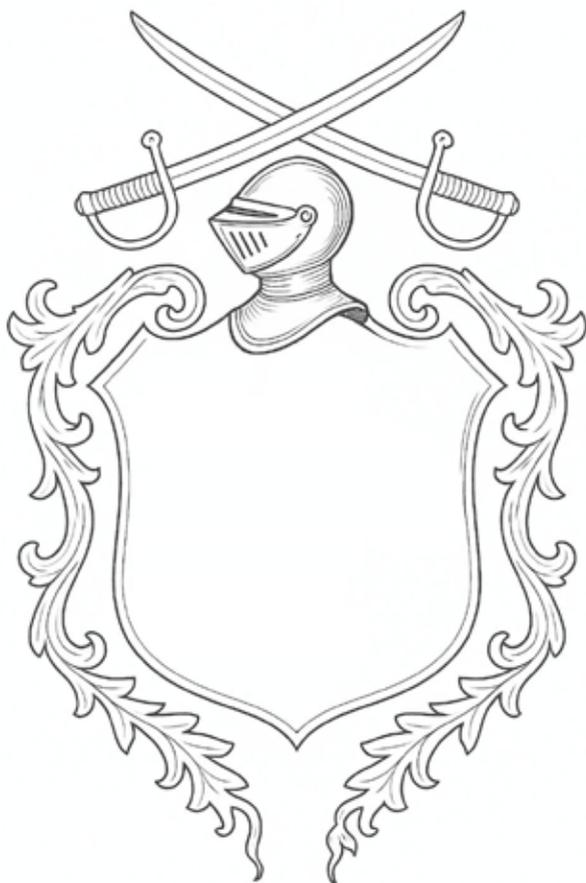
Consegues encontrá-las todas?



O Brasão da minha família

O brasão de armas, (como o da família Lomelino), é um ícone de status social hereditário, que aparece a partir do século 13, passando a ser utilizado na identificação da linhagem e do grau social de famílias nobres, através de símbolos e cores que o compõem.

Neste espaço damos-te a oportunidade para construíres o teu brasão. Pesquisa sobre os teus apelidos ou cria com base na tua imaginação, os diferentes símbolos e cores que fariam parte do teu Brasão de família!



Colorindo

O Frontal de altar, proveniente da China (Macau), bem como outros objetos de origem oriental, e não só, eram importantes na divulgação na Europa de vários animais e plantas exóticas que o resto do mundo desconhecia. Numa época em que não havia outros meios de comunicação (exemplo: internet, televisão, rádio...), os objetos de artes decorativas serviam, tanto pela sua decoração, como também pela sua matéria-prima e técnica, para dar a conhecer estes lugares recém-descobertos.



6 jogo

Sabias que?

O lado direito do frontal de altar é idêntico ao lado esquerdo, ou seja, a sua decoração é simétrica e espelhada.

Ao centro encontramos o brasão de armas da ordem religiosa das Carmelitas, para quem foi produzido este objeto. Após a descoberta da Índia, os portugueses continuaram viagem e, em 1513, é estabelecido o primeiro contacto com a China.





O Frontal de Altar perdeu as suas cores.

Será que podes ajudar a recuperá-las?

Inspira-te, sê artista e pinta-o!

Visita o museu e vem conhecer esta peça!

Troca-tintas no Museu!

7
jogo

Na sala de jantar do museu vivem três quadros pintados por Tomás da Anunciação, um importante pintor romântico português que nasceu em Lisboa em 1818 e faleceu em 1879.

Durante muitos anos, os quadros ficaram quietinhos no seu lugar... até que algo inesperado aconteceu! Quando o museu fechou as portas, os elementos das pinturas ganharam vida e decidiram fazer uma visita uns aos outros. Uns foram espreitar o mar, outros ficaram no campo e houve até quem se perdesse pelo caminho!

Na imagem da pintura **Piquenique** da página ao lado, há detalhes que não pertencem a esta pintura e, para complicar ainda mais, há algo que desapareceu!

Convidamos-te a visitar o museu de lupa na mão, tal como o Gonçalo e a Catarina, para que nos ajudes a identificar os elementos que não fazem parte desta pintura!

Consegues identificar a que pinturas expostas na sala 9 esses elementos pertencem?

Tenta fazer com que cada um regresse à sua pintura de origem.

Consegues resolver este mistério artístico?





Aventura na Quinta das Cruzes!



Estás pronto(a) para uma grande aventura?

Na Quinta das Cruzes, o Património Cultural está à tua espera, repleto de histórias e mistérios para descobrir! O que será que vais encontrar?

No museu e jardins, além de objetos fascinantes, existem detalhes escondidos e saberes antigos que fazem parte da nossa História.

A tua missão é simples: explorar, identificar os seis elementos especiais espalhados pela Quinta e descobrir qual é a categoria do Património que cada um representa! As categorias são:

Património Cultural Imaterial – Ofícios tradicionais: embutidor
Património Natural

Património Cultural Imaterial – Música tradicional

Património Cultural Imaterial – Ofícios tradicionais: calceteiro

Património Cultural Imaterial – Arquitetura e construção

Património Cultural Imaterial – Ofícios tradicionais: bordadeira

Nas páginas seguintes encontrarás uma fotografia de pormenor de cada elemento ou objeto que deves procurar! Para facilitar a procura, ainda te ajudamos com pistas e com a indicação da sua localização!

Será que consegues desvendar todos os segredos da Quinta das Cruzes?

Boa sorte, explorador (a)!



a)

Localização: Jardim

Pista: pedras roladas, seixo e/ou calhau e pedra navalheira que revela um saber-fazer ligado a uma técnica tradicional.

Nome do pavimento:

Categoria do Património:



b)

Localização: Jardim

Pista: O seu nome deve-se à sua seiva vermelha chamada sangue de dragão.

Nome da espécie:

Categoria do Património:



c)

Localização: sala 9

Pista: Na arte de embutir, os artesões madeirenses usam madeiras de diferentes cores para criar desenhos e padrões.

Nome do objeto:

Categoria do Património

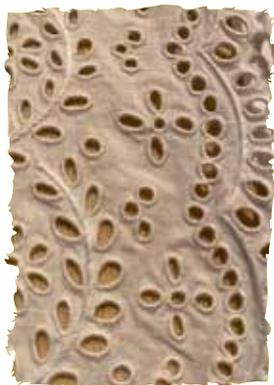
d)

Localização: sala 10

Pista: Peça de vestuário em bordado Madeira que revela o saber-fazer e a técnica ligadas ao artesanato tradicional.

Nome do objeto:

Categoria do Património:



e)

Localização: sala 12

Pista: Tem forma de “T” e tinha como principal função fechar as portas dos palheiros. Por ser semelhante à Cruz, acreditava-se ser um amuleto contra o mal (crença / superstição). Hoje está presente nas habitações, nas caixas, armários e arcas. No nosso museu podes encontrar 10 ferrolhos em forma de “T”.

Nome do elemento:

Categoria do Património:



f)

Localização: sala 16

Pista: Uma ilustração que nos transporta para o som e a tradição da música tradicional madeirense.

Nome do objeto:

Categoria do Património:



Peças exploradas

“**Frontal de Altar**” | China, Macau | Século XVII
| MQC 2329; “**Piquenique**” e “**Baía do Funchal vista de Santa Catarina**” | Tomás de Anunciação | 1865 | Pintura a óleo sobre tela | MQC 1508 e MQC 255 |; “**Feira do Gado**” | Tomás de Anunciação | 1862 | Pintura a óleo sobre tela | MQC 255 |; “**Rural Occupations**”(MQC 1546); “**Inside a Cottage**”(MQC 1533); “**An accident upon the road**”(MQC 1527); “**Country musicians**”(MQC 1553); “**Peasants in usual costume**” (MQC 1542) | Rudolph Ackerman | 1821 | “A History of Madeira with a series of twenty seven coloured engravings (...)” | “**Garrafeira**” | **Garrafeira** | Ilha da Madeira, fim do século XIX | Vinhático e Til | Técnica: madeira folheada e marchetada, decorada com embutidos de madeira | Inscrição: “Joao Antonio de Souza Artista Madeirence”; “**Camisa de noite**” | Ilha da Madeira | século XX | Linho Bordado | MQC 2250 |; “**Armário Caixa-de-açúcar**” | Oficina Madeirense | Século XVII | Castanho, imbuía, jequitibá e ferro | MQC 839

Fontes imagens:

© Arquivo MQC e © Pedro Clode

- Jogo 1**
1. património
 2. 500
 3. Braço Armado
 4. Piquenique
 5. Frontal: Altar
 6. Espíritofúgar



Jogo 4



Jogo 2



Jogo 7

- Jogo 8**
- A) Calçada maderense / Património Cultural Imaterial – Oficinas tradicionais: calceteiro
- B) Dragoeiro / Património Natural
- C) Garateira / Património Cultural Imaterial – Oficinas tradicionais: embutidor
- D) Camisa de noite / Património Cultural Imaterial – Oficinas tradicionais: bordadeira
- E) Ferrinho / Património Cultural Imaterial – Arquitetura e construção.
- F) Gravura “Country musicians” - Património Cultural Imaterial – Música Tradicional.



Jogo 3

ΣΕΙΡΟΛΟΓΟΣ



Siga-nos nas redes sociais:

 mqc.madeira.gov.pt

 MuseuQuintaDasCruzes

 [museu.quinta.das.cruzes](https://www.instagram.com/museu.quinta.das.cruzes)



museu QUINTA DAS CRUZES

Calçada do Pico, nº 1

9000-206 FUNCHAL

Tel: 291 740 670 / **Fax:** 291 741 384

e-mail: mqc.drc.srtc@madeira.gov.pt



Região Autónoma
da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
de Turismo, Ambiente e Cultura
Direção Regional da Cultura

